

“Belle-époque tropical: Origens e Contexto”

Sumário de uma palestra dada ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
1 de Agosto de 2007

Introdução: Esta palestra tenta descrever as propostas e os meios de uma obra feita há mais de vinte anos para responder às seguintes perguntas: quais são as idéias fundamentais do livro? Quais foram as suas origens e o contexto da sua escrita?

As diretrizes intelectuais do livro foram três: Proust, Walter Benjamin, e Machado de Assis. O primeiro, por sua compreensão da mobilidade social, um tipo de zoologia social, no modelo cultural da elite carioca, a Paris do fim do século XIX. O segundo, por seu poder de evocação e seu uso dos restos do passado para recriar e entender este passado. O terceiro, por sua capacidade única de entender a realidade vívida do Rio, uma realidade que ele recriou por meios de nuances e sensibilidade social.

O livro também aproveitou a idéia do historiador de arquitetura, Nestor Goulart Reis Filho, que mostrou o significado político do ecletismo arquitetural no Rio. A arquitetura oficial da Corte refletia o ecletismo político da monarquia, baseada na monarquia de julho da França. O autor tomou este conceito para fazer uma das observações centrais do livro: que um objeto cultural, trazido de um contexto para outro, muda de significado. Além do significado original, tem um outro, local. Assim, o uso de práticas e artefatos franceses no Rio teve um significado distinto no Brasil do que teve na França – este uso deu uma legitimidade européia nesta época de eurocentrismo e foi fonte de uma identificação interiorizada entre a elite carioca e a civilização francesa. Uma identificação interiorizada a ponto de formar valores particulares e públicos. Assim, o livro tenta mostrar que apesar de obra da cultura da elite - e derivada da cultura das elites francesas e inglesas-, com as quais a elite carioca se identificava, o que foi feito não foi uma simples cópia, mas uma adaptação, uma cultura transformada pelas realidades e necessidades brasileiras. E foi, também, uma ilusão, um bovarismo, em muitas maneiras, mas uma ilusão com conseqüências significativas e reais para o Rio.

O autor assinala que o livro teve muito a ver com o seu interesse antigo pela realidade de povos colonizados, gente entre dois mundos – um mundo tradicional e um mundo de “civilização” dominante, um mundo em que esta gente não teve permissão para entrar. Pessoas nesta posição tentavam, então, criar um mundo novo em que podiam entrar. O autor viu o padrão no anticolonialismo dos intelectuais africanos entre as duas guerras, que, criados no mundo colonial para serem europeus, tiveram esta sua identificação européia rejeitada quando foram para a Europa ou quando trataram com europeus na África. Em resposta, esses intelectuais fizeram as ideologias anticoloniais; de fato, entre esses intelectuais estavam os líderes dos estados novos que foram construídos depois da Segunda Guerra Mundial. Baseados nas idéias anticoloniais, eles criaram um mundo novo em que podiam ter uma parte. Com efeito, o autor ficou fascinado pelo mundo da pessoa colonizada cultural e intelectualmente, que teve que criar ou imaginar um mundo entre os dois porque não cabia nem no mundo tradicional nem no mundo dominante do colonizador.

O autor também notou que o livro teve muito a ver com dois conceitos que ele aprendeu, um por sua experiência particular, em que viu que num mundo de mobilidade social, a elite discriminou na base de sinais sutis de cultura; o outro, que ele aprendeu, por leitura de José Luís Romero, que uma cidade pode ser usada para demonstrar uma política em termos culturais. Foi Romero que escreveu que as cidades grandes da América Latina, especialmente Cidade de México, Buenos Aires e Rio de Janeiro foram usadas pelas elites políticas para significar as ambições e esperanças de se identificar com a civilização européia. E o autor aprendeu este conceito em aula com seu mestre, Richard M. Morse, que respeitou e estudou a cultura desde jovem e na sua própria obra sempre tentou entender a cultura latino-americana nas suas manifestações urbanas. O autor também indicou a importância de Morse em apoiar o foco cultural do livro – quando, na academia da época, a história social era completamente dominante. Quando o autor quis saber se um livro assim podia ser praticável em termos de uma carreira acadêmica, Morse teve a visão de responder que sim, a hora da história cultural estava chegando – e isso em 1978, quando a história cultural ainda não tinha o prestígio ou a credibilidade que passou a ter mais tarde.

O autor concluiu por enumerar as ambições do livro: primeiro, para mostrar que cultura podia ser um meio de expressão de poder; segundo, para fazer isso com o exemplo de uma cidade e uma elite enfrentando dependência econômica e política, mostrando, assim, o vínculo entre cultura a colonialismo; e, terceiro, para estabelecer a importância da cultura não só em manifestações materiais de uma classe dirigente, mas na identidade e valores dessa classe. Finalmente, o autor notou que o próprio livro está entre dois mundos. Está entre a história social da época da sua formação acadêmica e algumas das tendências da história cultural atual, que focalizam na cultura a parte da dialética necessária entre circunstâncias materiais e circunstâncias ideológicas. O livro tenta engajar a cultura com referência ao mundo material e político, que dá à cultura seu significado.